

Povos Indígenas no Brasil

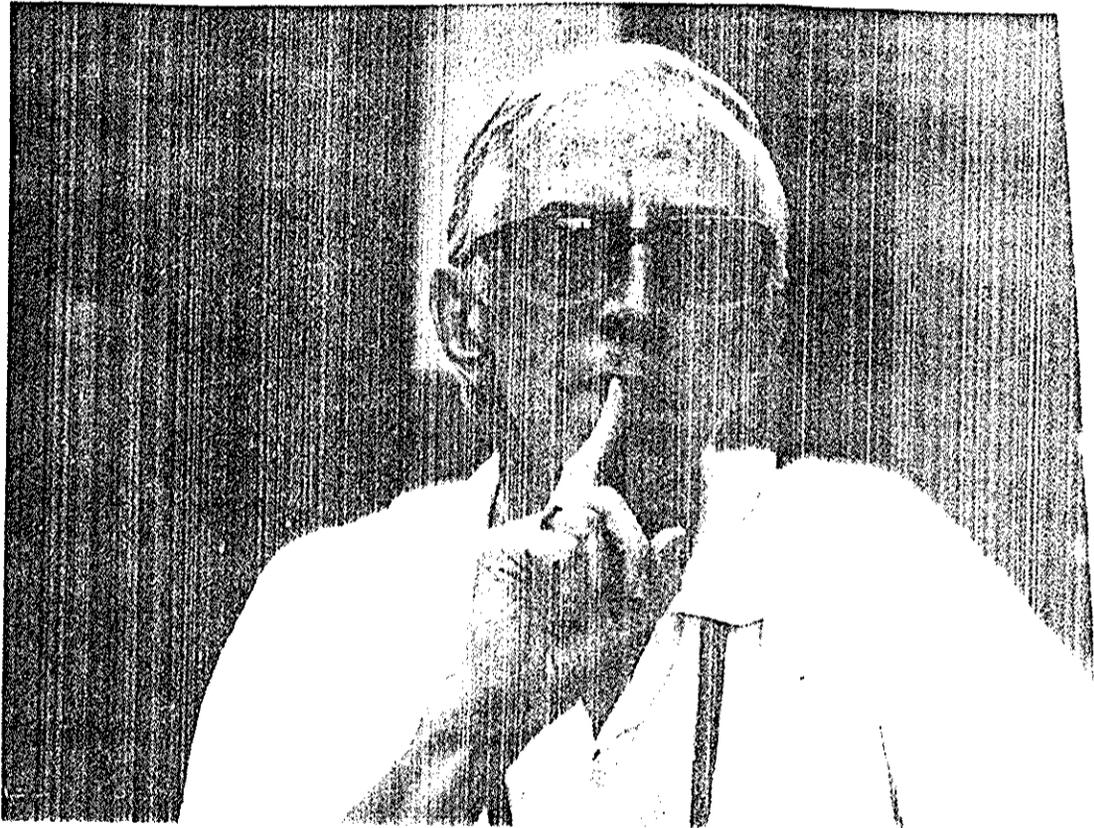
Fonte: Diário de Cuatá Class.: Pastoral Católica
 Data: 25/07/93 Pg.: 718

Uma vida em defesa dos povos indígenas

FLÁVIO GARCIA
 Da Reportagem

Apesar dos seus 65 anos, o bispo de São Félix do Araguaia (leste de Mato Grosso), dom Pedro Casaldáliga, diz que sente-se bastante jovem, crê na utopia e mesmo diante da "bagunça nacional", conforme definiu, crê no Brasil. Bispo missionário do Terceiro Mundo, vivendo no 'fundo' do Mato Grosso, dom Pedro mantém a rotina diária de levantar-se cedo, por volta das 5h30, atende visitas, correspondências e realiza as celebrações normais, além, é claro, das visitas pastorais rotineiras nas diferentes cidades e povoados da região do Araguaia. A nível de pastoral, ele considera que o trabalho se resume, em 70%, nas visitas diretas. Ou melhor, no contato direto com as famílias. Não perde um encontro a nível de Brasil relacionado à atuação da Igreja e, principalmente sobre os direitos humanos. Integrante do Secretariado Cristão Internacional de Solidariedade com a América Latina, participa anualmente da assembléia nacional, no México.

A ditadura militar acabou, mas a econômica está aí. Sobre a situação brasileira atual, dom Pedro Casaldáliga foi enfático: "deixamos a ditadura militar e entramos na democradura". No seu ponto de vista, hoje persiste a ditadura econômica do capitalismo neoliberal. "Vivemos uma recessão sem precedentes, além do enforcamento dramático em virtude do crescimento da dívida externa". Conforme o bispo de



São Félix do Araguaia, a situação brasileira é tão crítica que estatísticas da Pastoral apontam que um terço da população vive, constantemente, em situação de migração. Uma migração sazonal, que inevitavelmente, gira em torno da produção agrícola do país, mas propriamente nas colheitas de café, algodão, cana de açúcar, garimpos, entre outras.

"Estamos vivendo um descrédito generalizado em torno da classe política brasileira. A luta pela sobrevivência, com destaque para o próprio movimento popular, foi desarticulada. Os próprios sindicatos, atualmente, estão sem credibilidade". Em contrapartida, dom Pedro Casaldáliga observou que surge cada vez mais a consciência e a vontade de "partirmos para o alternativo, contestan-

do o sistema neoliberal que nos impõe". Para Casaldáliga, a busca constante reside nas soluções emergenciais, que num primeiro plano podem "até serem taxadas de assistencialistas". Entretanto, conforme dom Pedro, a fome urge e a campanha desenvolvida por Hebert de Souza, o Betinho, pode ser classificada como uma atitude de 'bombeiro'.

Ele fez questão de observar que isso não pode deixar de lado a transformação das estruturas, como exemplo a reforma agrária, o salário mínimo, uma política habitacional diferenciada, educação, saúde, entre outros pontos cruciais. "É evidente que o Betinho busca a transformação das estruturas e não apenas os paliativos de uma campanha contra a fome".

Não se pretende fazer reforma agrária no país

É público e notório, na opinião de dom Pedro Casaldáliga que o tema reforma agrária não passa de politicagem neste país tupiniquim. "Em primeiro lugar, não se quer fazer reforma agrária. Esse tema - suponho - é uma vontade, uma necessidade política de se contestar o latifúndio e o minifúndio. Pressume-se que reforma agrária deva ser o reparte de terras. Em segundo, uma verdadeira contestação ao FMI (Fundo Monetário Internacional) e a sua política de exportação. Em terceiro lugar, uma reforma agrária significaria uma reforma agrícola também, com incentivos comuns e fiscais para os pequenos e médios produtores". É um tema complexo para dom Pedro, que somente será solução com o fornecimento de infra-estrutura necessária, como transporte, preço, saúde e educação, por exemplo.

"Hoje o Mato Grosso, em muitas regiões, é um Estado eminentemente formado por colonos. Em muitos casos, de pessoas que se deslocaram de outras regiões do país, como do Sul. São produtores natos, mas que devido a falta de incentivos por parte do governo federal, ficam impossibilitados de trabalhar". Muitos - afirmou - estão inclusive enforcados no banco, sem qualquer esperança de dias melhores. Há inclusive - lembrou - uma piada já famosa de que quando "chega o Dia de Finados, as esposas dos produtores, ao invés de ir ao cemitério, levam as velas ao Banco do Brasil, onde os maridos estão enterrados".

Conforme dom Pedro Casaldáliga, "não há uma vontade política no país para se executar um projeto de reforma agrária". Caso isso fosse tirado do papel - previu - se evitaria "a situação de descabro que invade o homem do campo". Outro detalhe - ponderou - esse "é o único caminho para que o sem-terra conquiste o seu espaço". Para dom Pedro, o governo deveria se sentir feliz com a reforma agrária em execução.

Praticam o
exterminio
dos índios

Missionário que viveu e continua vivendo em defesa dos povos indígenas, dom Pedro Casaldáliga é categórico sobre a real situação do índio no país, principalmente em Mato Grosso. "É crítica basicamente porque não se efetuou até o momento a demarcação de várias áreas indígenas, ou não foram homologadas e nem mesmo estão sendo respeitadas. O que se pratica contra o índio - disparou - é um verdadeiro genocídio. Há muita desavença causada pelo branco, na iminência de angariar alguns hectares de terra a mais". A terra do índio - conforme dom Pedro - é disputada por fazendeiros, madeireiros e até garimpeiros.

Outro ponto que merece destaque na opinião do bispo de São Félix do Araguaia, reside nos processos crimes que foram levantados contra os indígenas e indigenistas. Como exemplo, citou o crime bárbaro que acometeu o padre Vicente Canãs. "Justiça no Mato Grosso, ou se vendeu ou se omitiu no que diz respeito a esses processos". Com isso - conforme dom Pedro - se perde a credibilidade até mesmo junto aos setores de segurança e Justiça do país.

"Não há no Estado e principalmente na esfera federal, uma vontade sincera de reconhecer, defender e até mesmo possibilitar os direitos dos povos indígenas em matéria de terra, de saúde, de educação, de autonomia", ponderou.

Distribuição de
renda só atinge
os capitalistas

O Brasil é um dos três países do mundo onde a diferença salarial é mais significativa. "Aqui praticase a política do salário mínimo (menor), enquanto continuam encastelados no poder os verdadeiros marajás. Hoje, conforme estatística oficial - observou - o Brasil tem 32 milhões de indigentes. "É toda uma Argentina de mendigos, que são acometidos a toda sorte de males, como a violência, o desemprego, à fal-

ta de moradia, entre outros". Só para se ter uma idéia, dom Pedro esclareceu que há um déficit no país de dez milhões de 'vivendas'.

Política, nem
pensar. Sou o
candidato à
vida eterna

Questionado sobre a possibilidade de uma participação direta na política brasileira, matogrossense, dom Pedro Casaldáliga, após um grande sorriso, disse que se candidata à vida eterna. "Me candidato a continuar sonhando sempre. Ou melhor, acreditando neste país". Segundo ele, não é próprio para um bispo participar efetivamente do processo político sucessório. "Eu mesmo tenho defendido, como foi na Nicarágua Sandinista, o cargo de ministro. Nunca pensei nisso, nem de longe".

Porém, admitiu que dom Pedro não "deixa de ser um animal político, como próprio ser humano. Eu tenho a minha ideologia, as minhas preferências políticas". Na verdade - acrescentou - a gente normalmente não faz campanha pública. Mas admitiu: "o povo sabe se eu gosto de uma bebida ou se não gosto. Sabe, por exemplo, que eu sempre estarei mais a favor de um PT, que com todos os seus pecados, sua intrigas internas, falhas de algumas lideranças, ainda um dos partidos no país que está mais voltado para as causas populares. Que o povo saiba isso, não tem nada de mais".

No segundo turno das eleições presidenciais, dom Pedro Casaldáliga confirmou que fez campanha aberta na televisão em favor do petista Lula da Silva. Segundo ele, naquele andar de carruagem, não se tratava de partido, mas sim de um sistema. "Era Lula e Collor. Quem votou a favor de Collor, talvez agora me esteja dando razão. Acho que é uma situação que ainda tem tempo de se corrigir", finalizou dom Pedro Casaldáliga com um amplo sorriso.